Antonio Carmo

NOTAS BIOGRÁFICAS
Nasceu em 1949 na Madragoa em Lisboa.
Estudou na Escola de Artes Decorativas António Arroio em Lisboa, onde tirou o curso de pintura.

EXPOSIÇÕES NO PAÍS
Desde 1968 vem apresentando os seus trabalhos, nomeadamente em exposições individuais e colectivas, nas Galerias Diário de Notícias, S. Francisco, S. Mamede, Tempo, S.N.B.A, Triângulo 48 e MAC em Lisboa, Galeria 2 e Morada no Porto, Galeria Municipal da Amadora, Galeria Escuderos em Beja, Galeria Arte Vária em Coimbra, Galeria Arco 8 nos Açores, Galeria Neupergama em Torres Novas, Igreja Santiago em Palmela, Teatro Baltazar Dias na Madeira, Museu Grão Vasco em Viseu, Museu de Castelo Branco, Museu de Setúbal, Museu de Santiago do Cacém, Museu da Figueira da Foz, Bienal da Maia 97, Palácio D. Manuel em Évora, Casa do Corpo Santo em Setúbal, Museu de Peniche, Galeria Municipal de Abrantes, Galeria Mónica Pereira no Porto, Galeria Artur Bual na Amadora, Galeria do Castelo S. Jorge em Lisboa, Galeria Municipal de Seia, Convento S. José em Lagoa, Casa da Cultura de Pombal e Galeria Municipal Stº. António em Monchique.

EXPOSIÇÕES NO ESTRANGEIRO
INGLATERRA – Casa de Portugal / Londres (indiv.) 1975
ESPANHA – Alcalá de Henares (col.) 1977 – Bienal Joan Miró (col.) 1978/1980/1982 – Bienal do Desporto/Barcelona (col.) 1993 – Galeria Espai Blanc / Barcelona (indiv.) 2000 – Artexpo Feira de Artes no Palácio dos Congressos / Barcelona 2001.
HOLANDA - Galerias 109 e Solidair / Roterdão (indiv.) 1980 – Galerie Ibérica / Haia (indiv.) 1983 – RAI – Centro Internacional de Congressos / Amesterdão (col.) 1994 – Galeria Brinkman / Amesterdão (indiv.) 1994.
BULGÁRIA – Jovens Pintores Portugueses (col.) 1985 – Exposição sobre a obra de Dimitrov (col.) 1985.
ALEMANHA – Galeria Am Weinendamm / Berlim (col.) 1984 – Galeria Louise / Hannover (col.) 1988 – Galeria Dresdner Bank / Munique (col.) 1990 – Galeria Portugal in Drei Räumen / Berlim (col.) 2002 – Berliner Fernsehturm (indiv) e Galerie Artvento (indiv) / Berlim 2004.
BÉLGICA – Galeria Racines / Bruxelas (indiv.) 1987 – Galeria L´Oeil / Bruxelas (indiv.) 1989 – Galeria Racine/L´Oeil / Bruxelas (indiv.) 1996 – Galeria Albert I / Bruxelas (col.) 1997/98/2002/2004 e (ind) 2000/2003/2006 - Parlamento Europeu / Bruxelas (indiv.) 1998.
CHECOSLOVÁQUIA – Exposições colectivas em Praga e Bratislava 1988.
LUXEMBURGO – Galeria Royal (indiv.) 1996 – Instituto Camões (indiv.) 2001. Galerie Schortgen (col.) 2004.
U.R.S.S. – Palácio da Cultura na Bielorussia / Minsk (indiv.) 1990 – Casa da Amizade dos Povos / Moscovo (indiv.) 1990.
MACAU – Instituto Cultural de Macau (indiv.) 1987.
JAPÃO – Arts Bank Tokyo / Tokyo (indiv.) 1991 – TIAS 92 (Tokyo International Art Show) / Tokyo (indiv.) 1992
AUSTRÁLIA – Portuguese Etnographic Museum / Sidney (col.) 1995 – Gabriel Gallery/ Melbourne (col.) 1995 – Steps Art Gallery / Melbourne (col.) 1995.
GUINÉ-BISSAU – 2ª Feira das Amostras / Bissau (indiv.) 1971 – Liceu Honório Barreto / Bissau (indiv.) 1971.
MARROCOS – Museu Ondayas / Rabat (indiv.) 1993 – El Jadida / Casablanca (indiv.) 1993.
U.S.A - Museu Cabrilho / S. Diego-Califórnia (indiv.) 1988.
CANADÁ – Centro Cultural Jacques Auger / Ottawa (indiv.) 1999 – Galeria Almada Negreiros / Toronto (indiv.) 1999 – Sala Multiusos / Montreal (indiv.) 1999.
VENEZUELA – FIV – Feira Industrial de Valencia / Valencia (col.) 1983.
SUÍÇA – Union Postale Universelle (indiv.) 2000
SUÉCIA – Stadsmuseum Göteborg – Gutemburgo (indiv.) 2001, Etnografiska Museet – Estocolmo (indiv.) 2005
CABO VERDE – Exposição no Instituto Camões nas cidades da PRAIA e MINDELO (indiv.) 2002.
BRASIL – Museu do Homem do Nordeste / Recife, Teatro de Alencar / Fortaleza, Palácio das Artes / Belo Horizonte e Casa de Portugal / S. Paulo (indiv.) 2004

REPRESENTAÇÕES NACIONAIS
Museus Tavares Proença Júnior em Castelo Branco, Armindo Teixeira Lopes em Mirandela, Martins Correia na Golegã, Grão Vasco em Viseu, Diogo Gonçalves em Portimão, Municipal de Estremoz, Convento de Jesus em Setúbal, Dr. Santos Rocha na Figueira da Foz, Instituto Cultural de Macau em Macau, futuro Museu do Desporto em Lisboa e Museu do Teatro de Lisboa.
Caixa Geral de Depósitos, Banco de Portugal, Montepio Geral, Banco Internacional do Funchal em Lisboa.
Câmaras Municipais de Lisboa, Beja, Peniche, Palmela, Seixal, Castro Verde e Amadora e Palácio da Justiça do Barreiro.

REPRESENTAÇÕES INTERNACIONAIS
Museus Montecatini em Itália, S. Antonio de Los Bãnos em Cuba, Palácio da Cultura na Bulgária, Angola, Pantwowe na Polónia, Colecção privada de Bodo Hüsing-Hoge na Suiça e Instituto Camões no Luxemburgo. Paineis de grandes dimensões na APEB em Bruxelas.

MENÇÕES
"Portuguese 20th Century Artists" de Michael Tannok, "Dicionário dos Pintores e Escultores Portugueses" de Fernando Pamplona, "The World´s Art Directory", "Livro de Artistas em Portugal" de Margarida Botelho, "Artist Yearbook International", Aspectos das Artes Plásticas em Portugal" de Fernando Infante do Carmo e "Enciclopédia Luso-Brasileira Verbo/Edição 98".

PRÉMIOS
Especial MAC 1997
Pintura MAC 2000

ILUSTRAÇÕES EM JORNAIS E LIVROS DE VÁRIOS AUTORES PORTUGUESES

ARTISTA EXCLUSIVO
Japan Arts Bank / Tokyo para o Japão e Galerie AlbertI / Bruxelas para a Bélgica.
Quadros em permanência nas Galerias Albert I em Bruxelas e MAC (Movimento Arte Contemporânea) em Lisboa.

ANTÓNIO CARMO

3/10 a 27/10 de 2006

SEDUÇÕES

MOVIMENTO ARTE CONTEMPORÂNEA

Rua do Sol ao Rato, 9C • 1250-260 LISBOA
Tel. 213 850 789 • Fax 213 850 789 • T.M. 962 670 532

A nossa necessidade de harmonia

Em 1963, o francês Robert Filiou pôde determinar que aquilo a que chamamos arte pictórica começou a existir há um milhão de anos. De facto, testemunhos dessa "necessidade de arte" da parte do homem, já no período paleolítico, temo-los nas inúmeras imagens que antepassados nossos nos legaram em grutas e cavernas em várias partes do mundo. Ainda que rupestre, e embora rudes, esses habitantes de cavernas já tinham dentro de si aquilo a que o filósofo alemão Leibnitz chamou de "harmonia preestabelecida", isto é, uma correspondência estabelecida por Deus, entre as leis do corpo e as da alma.
O nosso século, contudo, deturpou, sob muitos aspectos, este nobre conceito de Arte. Viciou-o, conspurcou-o. Daí muita da arte de hoje não nos atrair, não nos estimular, não nos consolar. E a finalidade da Arte não é isto, não pode ser isto.
Porque, como Matisse definiu: "Quando a Arte carece de substância, passa a ser uma brincadeira de criança". Ao que podemos acrescentar o sábio conselho de Cocteau: "O artista deve saber sempre quão longe é possível ir demasiado longe".
O pintor António Carmo personifica, como poucos, a missão da Arte no sentido mais vasto deste conceito. Sem exagero, ele cultiva tão-somente aquilo que tão acertadamente se designa por Belas-Artes.
Começo por realçar o seu inteligente telurismo, o qual consegue ser ao mesmo tempo genuinamente português e ainda universal, porque as suas figuras são-nos mostradas em situações e comportamentos válidos para qualquer ser humano, seja ele lusitano, chinês ou africano. Vivem, trabalham, desejam-se, etc. como se vive, trabalha, se ama, em qualquer parte do mundo. Por assim dizer, uma "globalização pictórica" que encerra exclusivamente aspectos positivos, já que nos recorda que o ser humano foi criado segundo uma só imagem, tendo assim (o que muita gente ainda teima em esquecer), independentemente da sua cor ou origem étnica, as mesmas necessidades, os mesmos sonhos, enfim, todos os atributos que lhe foram dados por um ser superior ou por uma evolução darwinista. Claro que agrada sobremaneira a um compatriota reconhecer tantos pequenos nadas inerentes à gleba portuguesa, apresentados como são sempre num colorido sensual, cativante, equilibrado, muitos deles com um movimento muito próprio, quase enigmático, resultado de um outro conhecimento do artista, a exigente arte que é a Dança.
Uma outra característica deste pintor, é conseguir, com surpreendente extrema facilidade, oferecer-nos telas com cenas que, embora públicas, estão sempre prenhas de uma tão sedutora intimidade. A meu ver, é justamente essa capacidade que faz com que, perante certos quadros de António Carmo, nos sintamos como se estivéssemos diante de um espelho. E ilusoriamente vemo-nos levados por uma mão feminina, estamos aconchegados no regaço de uma moçoila, somos o destinatário de uma carta de amor. Sim, a pintura de António Carmo seduz-me porque toda ela não são senão atractivos. A temática tão variada, o equilíbrio e a elegância das composições, a correcção do traço seja ele ténue ou forte, o colorido ousado sempre de bom senso, e, *last but not least* , essas suas micropaisagens aqui e ali, cujo fim parece ser evidenciarem ainda mais esses seus corpos humanos tão humanos, tão calmos, tão sadios, tão meigos, como se todos eles nos gritassem em uníssono esta mensagem: O mundo deve ser assim! O mundo pode ser assim!
É muito possível que haja quem veja as obras de António Carmo como um escapismo vistoso, um perigoso fechar de olhos à dura realidade do nosso tempo. Esses críticos talvez clamem nestes termos: a vida são só dores, revezes, contratempos. A missão do artista é ser fiel à realidade, deixemo-nos de quimeras!
Ora quem assim pense, a meu ver, está errado. Esquece que uma reprodução textual, a cores ou a preto e branco, do que é hoje o nosso quotidiano, ameaçado que está a cada momento – além disso não ser Arte, porque Arte deve ser sempre uma interpretação da realidade – tal procedimento só nos prejudicaria. Além de que a arte fotográfica pode fazê-lo muito melhor, isso fechar-nos-ia numa paisagem ainda mais desoladora do que a que já nos circunda a todos: de bastante desamor, de extrema intolerância, de cega violência.
António Carmo, consciente de tudo isso, decidiu ajudar-nos, dando-nos muito daquilo que muita gente já não é capaz de ver ou talvez até já nem se lembre que existe – harmonia. Harmonia salutar, consoladora. E fá-lo prodigamente, pois a sua Arte não é só pintura. Tem uma dimensão musical cativante, bem mozariana, aliada a uma sucintez poética, tocante, tão torguiana.

Alexandre Pastor
Ensaista e crítico
Estocolmo 2006

Ao longo de quase 40 anos de carreira, António Carmo, tem vindo a ser um intransigente pesquisador de verdades e de liberdades interiores, não cessando de se transformar, mantendo-se, no essencial, fiel a si mesmo.

A sua arte tem uma estreita relação com o corpo, com o corpo humano e com o corpo das coisas. Há um envolvimento cálido e terno nas pinturas que figuram a nossa condição, e que confere harmonia e beleza à trivialidade do quotidiano. António Carmo perfaz o contorno, realiza o movimento, concretiza a ideia num imaginário pictórico que lhe atribui um lugar marcante nas artes plásticas portuguesas.

Surpreendentes são os seus trabalhos, todos criados em gestos de quem procura regenerar as formas dos corpos, acrescentando-lhes outros valores estéticos, sendo a sua obra um pacto onde encantamento e cálculo coexistem. Análise, reflexão, método, sistema, aliam-se como uma fusão com formas, cores e luz.

A qualidade imprimida aos seus trabalhos, a força expressiva das suas formas, o poder tão comunicativo do seu mundo cromático, são elementos da pintura que realiza e que lhe vinca profunda personalidade. A sua pintura confirma o talento, o bom gosto e a alta qualidade técnica de quem a realizou.

Na força de ser ele mesmo e não outro, António Carmo impõe-se pela autenticidade da sua arte sem fronteiras e sem tempo.

Zeferino Silva
Director do MAC
Movimento Arte Contemporânea
Lisboa

Uma exposição de António Carmo é sempre um convite para regenerar o nosso espírito exilado da poesia pelo gigantismo tecnológico.

O cromatismo, a iconicidade e riqueza vocabular da sua pintura, animada de uma real qualidade de criação, é um combate em defesa da poesia. Pintura intensa e mágica, possuída de sortilégio e de reflexões subtis, disciplinada na sua experiência formal e muito própria. António Carmo é um pintor-poeta, um cronista do imaginário, vivendo a visão livre da sua figuração psicológica, inebriada por um clima ameno de luz e sonho, celebrando um amor inocente por uma natureza em liberdade, como num certo modo de espiritualidade ou de vida interiorizada, voltada para a integridade do ser existencial.

A sua pintura, onde o ritmo é um elemento estilístico, afirma a autonomia da cor, de uma importância fundamental.
Uma pintura da imediatez do gesto, da apreensão do espaço e da tenuidade do existir, criando um outro modo de educação do olhar. A arte de António Carmo, extraordinariamente sensível na fluidez da linguagem das formas, na vigorosa materialidade da cor, na força e no encanto da sua evasão e do seu êxtase, é uma fascinante aventura espiritual e técnica.

A cor é tratada como um jogo, em sucessões de ritmos intensos e tenazes que ecoam no olhar e na memória dum inconsciente esquecido, mas latente em todos nós.

As suas obras, são pois materialização de anseios e de sonhos, notas de realce, na Pintura Portuguesa Contemporânea.

A devoção e o profissionalismo, a continuidade e o empenho que António Carmo nos transmite nas suas obras, revelam-nos estar perante um grande pintor e um excelente artista, reconhecido não só em Portugal como internacionalmente.

Álvaro Lobato de Faria
Director Coordenador do MAC
Movimento Arte Contemporânea
Lisboa